-dos-jogos-para-pessoas-com-deficiencia-intelectual/.

INCLUSÃO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR: UM OLHAR PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO SOBRE A INCLUSÃO

ESTER FERNANDES PEREIRA SAMPAIO

RESUMO

O objetivo deste estudo é discutir o papel do psicopedagogo clínico na inclusão de alunos que sofrem de algum tipo de exclusão na sociedade, já que entendemos que as escolas ainda não estão estruturadas para receberem a diversidade que nos cercam. O psicopedagogo pode contribuir para uma aprendizagem eficaz, respeitando as limitações, potencializando as capacidades e estimulando novas aprendizagens de forma efetiva, que faça sentido para o aprendiz e solidifique suas novas aquisições.

Com esta pesquisa, buscamos abordar o papel do psicopedagogo clínico na instituição escolar, como ele, com um atendimento extracurricular, pode trabalhar com os alunos que sofrem de algum tipo de exclusão na sociedade, seus professores e pais, para conseguirem trabalhar com essas crianças harmoniosamente para que haja conquistas eficazes de novas aprendizagens, nas diferentes áreas de conhecimento. A interação entre família, escola e psicopedagogo propicia um desenvolvimento mais saudável ao aprendiz, e o psicopedagogo, com o seu olhar clínico e investigativo, vai ao encontro de estratégias para um melhor processo de aprendizagem dessas crianças, assim essa parceria corrobora para uma melhor condição de inclusão na escola e sociedade, preparando a todos para conviverem com as diferenças, respeitando as potencialidades e limitações dos indivíduos.

Palavras-chave: Escola; Educação; Inclusão; Psicopedagogia; Clínica.

ABSTRACT

This study intents to discuss the role of the clinical psychopedagogue in the inclusion of students who suffer from some type of exclusion in society since we understand that schools are not yet structured to receive the diversity that surrounds us. The psychopedagogues can contribute to effective learning, respecting limitations, emphasizing capabilities and effectively stimulating new learning in a way to make it sense for the learner and solidifies their new acquisitions.

With this research we seek to approach the role of the clinical psychopedagogues in the school institution and how this professional with an extracurricular treatment can work with students who suffer from some type of exclusion in society in association with teachers and parents to be able to work with these children harmoniously. So that, there are effective conquests of new learning, in different areas of knowledge. The interaction between family, school and psychopedagogue provides a healthier development for the learner and the psychopedagogist, with a clinical and investigative aspect we can find out strategies for a better learning process for these children, so this partnership corroborates for a better condition of inclusion in school and society, preparing everyone to live with differences, respecting the potential and limitations of individuals.

Palavras-chave: School; Education; Inclusion; Psychopedagogy; Clinic.

INTRODUÇÃO

Temos no Brasil muitos documentos que asseguram o direito a todos, sem distinção, ao acesso à educação. Na constituição federal de 1988 no seu artigo 206, inciso I vemos essa afirmação e no seu artigo 208 nos diz que o Estado deve garantir esse acesso, preferencialmente na rede regular de ensino, com um atendimento especializado. Na Lei 7.853 de 24 de Outubro de 1989 define como crime a recusa ou cancelamento de matrícula de um estudante por causa de sua deficiência. Em 1990 tivemos novos documentos para afirmar esse direito como o Estatuto da criança e adolescente em seu artigo 55 que reforça a obrigação dos pais em matricular seus filhos na rede regular de ensino, a Declaração mundial de educação para todos que influenciou as políticas públicas de inclusão, e em 1994 no Município de Salamanca em Castelo Leão na Espanha foi realizado uma conferência mundial pela Organização das Nações Unidas (ONU) sobre educação especial, essa conferência teve por finalidade elaborar uma reforma política que abranja o movimento da inclusão, como resultado dessa conferência foi criado um documento batizado como "Declaração de Salamanca", recebeu o nome do município onde foi realizada. Esse documento reforça o direito de todos a uma educação de qualidade, respeitando a singularidade de cada indivíduo, respeitando as limitações e reforçando as pontencialidades de forma a extinguir a exclusão e/ ou discriminação nas unidades de educação e sociedade. Depois da Declaração de Salamanca foram criados novas legislações como em 1994 – Política Nacional de Educação Especial que que caminha na contramão das legislações a favor da inclusão, pois essa lei orienta a frequen-

tar a classe comum somente as crianças que têm condições de acompanhar as atividades do ensino regular , em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96, em 2001 no seu artigo 59 volta o olhar a inclusão, assegurando o acesso a todos, respeitando as necessidades individuais dos educandos. No mesmo ano as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (Resolução CNE/CEB nº 2/2001), Plano Nacional de Educação – PNE, Lei nº 10.172/2001 que obrigam as escolas matricularem todos os alunos, independente de sua deficiência ou não e lhes dar condições de permanência na escola, convenção da Guatemala (1999), promulgada no Brasil pelo Decreto nº 3.956/2001, em 2002 – Resolução CNE/CP nº1/2002 que garante os mesmos direitos humanos as pessoas com deficiências. Entre outras Leis que tratam sobre o tema da inclusão e garante o acesso a todos a instituição regular de ensino, porém apesar de tantos documentos que asseguram e orientam sobre esse direito a inclusão, nas práticas em sala de aula a inclusão é um desafio que está em processo de adaptação institucional, pois sabemos que não é tarefa fácil para os docentes lidar com cerca de trinta alunos diferentes em sala de aula, suas característica, cultura, saberes prévios, diferentes expectativas acerca da vida escolar, assim entendemos que os professores não possuem todos os conhecimentos e habilidades necessários para compreender a singularidade de cada educando, as diferentes formas de aprendizagens, estimular as capacidades de cada um e respeitar as limitações ao mesmo tempo em que lhe é cobrado um currículo a ser seguido de forma linear que dificulta o atendimento da diversidade que se encontra nas salas de aula. Com base nessa realidade, nos deparamos com crianças que apresentam maiores dificuldades de seguir esse currículo, assim são classificadas tendo dificuldade de aprendizado e para acompanharem a turma necessitam de auxílio extracurricular, ou seja, de ajuda de um especialista. Neste caso, destacamos o papel fundamental do psicopedagogo, entre outros profissionais. Algumas escolas contam com o psicopedagogo institucional, que colabora com os professores por meio de orientações preventivas, auxiliando, propondo intervenções que colaborem para a aprendizagem, observando os aprendizes e em alguns casos fazendo atendimento aos alunos com dificuldades em um atendimento coletivo. Mas, quando a orientação e o atendimento do psicopedagogo institucional não é o suficiente pode-se recorrer ao psicopedagogo clínico, mas o que é um psicopedagogo clínico e como ele pode contribuir com a instituição escolar no processo de inclusão de todos?

O psicopedagogo clínico se propõe a atender em clínicas, de forma curativa, avaliando o educando com diferentes métodos para reconhecer o processo de absorção da aprendizagem daquela criança, pois cada indivíduo possui um método diferente que mais se adequa ao seu processo de aprendizagem. Sabemos que existem muitas meios de adquirir conhecimentos e as sete principais formas de adquiri-las foram listadas por Gardner (1983) em sua teoria das múltiplas inteligências, e são elas Espacial (acontece através de estímulos visuais), Físico-cinestésica (estímulos corporais), Interpessoal (aprendizagem em grupo), Intrapessoal (aprendizagem de forma individual) , Linguística (através da língua falada e escrita), Lógico-matemática (facilidade em lidar com números) e Musical (melodias e ritmos). Mesmo conhecendo essas sete formas o psicopedagogo clínico não pode se limitar a elas para o atendimento ao seu paciente, pois mesmo partindo delas ele pode perceber alguma outro meio que melhor se adequa ao processo de aquisição de conhecimento de seu paciente, assim trabalhará de forma específica, analisando quais são as dificuldades que estão impedindo esse processo e quais os meios mais eficazes para saná-las. Após o reconhecimento das dificuldades e possíveis causas, por meio das terapias diagnósticas, considerando todo o processo de vida do indivíduo, coletando dados com sua família através da anamnese, procurando saber o processo de vida da criança desde o seu nascimento, primeiros vínculos, acontecimentos que marcaram sua vida positivamente e negativamente, possíveis traumas, seus primeiros contatos com a escola, seus vínculos e relacionamentos na instituição escolar, quando iniciou a dificuldade e quais tentativas foram feitas para auxiliar o aprendiz, o que deu certo e o que não deu certo até o momento, como e quando a família decidiu buscar ajuda e o que esperam do trabalho do psicopedagogo clínico. Após essa primeira etapa, o psicopedagogo clínico irá conhecer o seu paciente, aplicará testes, fará interações com livros, contos, revistas, jogos e outros meios, investigando de forma a identificar as dificuldades de seu paciente, após as sessões diagnósticas iniciará as intervenções, onde o psicopedagogo clínico intervirá auxiliando no desenvolvimento de uma aprendizagem mais eficaz, desconstruindo as barreiras que impediram a aquisição da aprendizagem do educando. Os atendimentos são individuais e o tratamento deverá refletir em todas as formas de aprendizagens do indivíduo, seja nos círculos familiar, escolar e outros ambientes, promovendo o desenvolvimento integral do indivíduo, valorizando suas potencialidades, respeitando suas limitações, criando estratégias para superação dos desafios e auxiliando nas conquistas do indivíduo.

Neste trabalho, é ressaltada a importância da parceria entre psicopedagogo clínico, escola e família, mas focaremos nas contribuições da especialidade desse psicopedagogo, com atendimento clínico extra-curricular, na instituição escolar, como seu auxílio poderá ultrapassar as paredes da clínica e atingir positivamente as instituições

escolares de seus pacientes, firmando uma parceria que auxilia no desenvolvimento das aprendizagens dos alunos com dificuldades. Foi abordada, neste trabalho, a relevância da afetividade entre psicopedagogo e paciente, assim como os professores devem acolher e transmitir segurança às crianças, para que as aprendizagens tenham mais chances de se solidificarem.

O OLHAR E O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO CLÍNICO

Um ditado popular, bastante conhecido na sociedade, diz que: "um olhar fala mais do que mil palavras", e isso é realidade. Quantas vezes ao repreender um filho o pai ou mãe exige: "olhe para mim, pois estou falando com você!". É uma frase comum, mas por que é tão importante olhar, sendo que ouvimos com ouvidos e não com olhos? Tavares, in: Fazenda (2014) nos diz que os olhos são peças anatômicas assustadoras em si mesmas que guardam mistérios incalculáveis. Através do olhar podemos repreender ou aprovar atitudes.

Muitas pessoas conseguem reconhecer quando alguém está mentindo ou não, através de seu olhar. Podemos até aceitar algo com a boca, no nosso linguajar, mas reprovar com os olhos. O que dizemos com os olhos pode até ter um peso maior. Tavares (in: FAZENDA, 2014, pp. 173-174), nos diz o seguinte sobre as crianças:

Grande parte delas já foi enfeitiçada pelo olhar repressor do professor, dos pais ou da sociedade. Precisamos cuidar de nossos olhos... Esse olhar discriminador, repressor, maldoso tem o poder de fazer a inteligência de uma criança florescer ou murchar. Ela continua lá, mas se recusa a sair para a aventura de aprender. Muitas pessoas comentam traumas familiares e escolares, sofridos quando mais jovens e repercutindo em suas vidas até a velhice. Sente medo dos olhares manipuladores, vazios ou sem vida, como também dos olhares perversos e reprovadores até hoje. Por isso, muitos carregam o medo de não conseguir ensinar ou aprender. Recusam-se a olhar.

Um olhar pode mudar a vida de uma pessoa, para o bem ou para o mal, por isso, o psicopedagogo precisa cuidar de seu olhar, precisa se livrar de todos os rótulos e preconceitos para poder ajudar a criança com dificuldades. Precisa ter um olhar acolhedor que transmita confiança e que através do olhar a criança possa se assegurar que na clínica será um lugar seguro para juntos procurarem o melhor caminho rumo à superação das dificuldades, rumo a novas aprendizagens. Somente assim, poderá carregar as conquistas para sua casa, escola e sociedade. Quando um paciente é encaminhado para uma clínica psicopedagógica, com ele vem um grande histórico de fracassos e rótulos, muitas vezes, chega até a clinica com baixa autoestima e sem acreditar ou conhecer suas capacidades. Tavares (in: FAZENDA, 2014, pp. 175-176), nos diz que: "A criança de olhar amedrontado e vazio, de olhar distraído e perdido não consegue aprender. Grande parte delas já foi enfeitiçada pelo olhar repressor do professor, dos pais ou da sociedade.

O psicopedagogo deve ultrapassar a as possibilidades de discriminação sofrida pelo paciente por causa de suas dificuldades, buscando entendê-las e potencializando as capacidades, para partindo destas ampliar o conhecimento e habilidades do indivíduo, sempre respeitando suas possíveis limitações, mas não vendo nas limitações impedimentos para as conquistas e sim criar novas estrategias para que possam superar desafios e conquistar novos conhecimentos.

O olhar psicopedagógico deve observar através da entrevista com os pais e/ou responsáveis as relações vinculares entre paciente e os agentes cuidadores. Na visão de Visca (Apud: CHAMAT, 2008, p. 30): "o agente corretor deve estar atento ao fato de a presença do agente vincular ser uma constante em todas as situações, principalmente entre o sujeito", ou seja, caso ocorra uma ruptura ou não aceitação no vínculo entre paciente e seu cuidador, isto pode interferir negativamente no desenvolvimento integral do indivíduo, ocasionando maiores dificuldades no processo de aprendizagem. Para que esse trabalho aconteça de forma eficaz, o psicopedagogo também deverá estabelecer vínculos com o paciente, pois segundo Chamat (2008, p. 31), "o profissional deve conter sua voracidade em elucidar o caso e estabelecer primeiramente um vínculo sólido entre ambos" e o paciente confiante terá sucesso em seu processo de construção de aprendizagem.

Com esse olhar acolhedor o aluno estará melhor preparado para participar ativamente de uma vida social, onde tanto os portadores de deficiências, quanto os que não possuem, serão beneficiados, pois aprenderão a conviver e respeitar as diferenças, como nos diz Susan Stainback e Willian Stainback: (2011, pp. 26 e 27):

Sem dúvida, a razão mais importante para o ensino inclusivo é o valor social da igualdade. Ensinamos os alunos através do exemplo de que, apesar das diferenças, todos nós temos direitos iguais. Em contraste com as experiências passadas de segregação, a inclusão reforça a prática da ideia de que as diferenças são aceitas e respeitadas(...) Precisamos de escolas que promovam aceitação social ampla, paz e cooperação.

Quando falamos em inclusão, pensamos especificamente nas pessoas com deficiência. Na realidade, a inclusão é muito ampla. Inclui a todos, com deficiência ou não. Para que tenhamos uma sociedade mais compreensiva, que respeite as diferenças,

independentemente quais sejam, como: cor, crença ou qualquer outra situação que nos difere uns dos outros, precisamos entender que cada ser humano é único. Por esse motivo todo psicopedagogo e educador precisam ter um olhar atento e acolhedor para formar uma sociedade mais justa e digna para todos.

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO CLÍNICO

O psicopedagogo pode atuar em vários campos, sejam eles: Institucional, clínico, hospitalar e até empresarial. A proposta aqui, é abordar a atuação clínica desse profissional.

Na visão de Chamat (2008, p. 26), o psicopedagogo deve priorizar o conhecimento de seu paciente e investigar as possíveis causas das dificuldades de aprendizagem, considerando seu contexto e sintomas, identificando possíveis causas, analisando, planejando seu trabalho e intervindo por meio das etapas de diagnóstico e tratamento e, caso haja necessidade, encaminhar a outros especialistas para um diagnóstico e intervenção mais precisos.

Na primeira etapa, o psicopedagogo clínico exerce um papel investigativo, buscando diagnosticar a dificuldade de aprendizagem do indivíduo. A investigação inicia a partir da queixa que o levou até a clínica psicopedagógica, os indícios apresentados nas sessões individuais de avaliação, informações obtidas na sessão de anamnese com os pais ou responsáveis e informações concedidas na entrevista com o professor.

Para Bossa o trabalho em clínica e a diferença entre o trabalho na instituição definem-se na seguinte maneira: (2007 p.94):

"Ao se falar da forma de se operar na clínica pedagógica, vale recordar que ela varia entre profissionais, a depender, por exemplo, da postura teórica adotada, além de haver o fato de que, como já haver dito, cada caso é um case – como se diria em inglês – com suas variantes, suas nuances, que diferenciam o sujeito, seu histórico, seu distúrbio".

Portanto, o que diferencia o campo institucional do clínico é que o primeiro consiste na prevenção, ao passo que o segundo, procura descobrir e "curar" os fatores que levam o sujeito a não aprender (quando as dificuldades persistem mesmo após intervenção preventiva). É por isso que o tratamento clínico é individualizado, uma vez que o psicopedagogo vai observar o aprendente e utilizar as técnicas apropriadas através do diagnóstico.

Com a visão de Bossa podemos definir o atendimento psicopedagógico clínico como um atendimento individualizado e único para cada indivíduo, no qual o psicopedagogo trabalha com base na metodologia adotada, mas enfatizando as características individuais de cada paciente.

Chamat (2008, p. 27), nos informa que após o diagnóstico "o psicopedagogo estará de posse do quadro "patológico" sobre o caso em estudo, bem como de um sistema de hipóteses que lhe permita direcionar o tratamento psicopedagógico".

Com o paciente diagnosticado, o psicopedagogo inicia suas sessões interventivas, prosseguindo com um atendimento individualizado em clínica. Ele orienta a família para que trabalhem em conjunto e a escola, colocando-se sempre a disposição de ambos para orientação, de forma a homogeneizar o trabalho, pois escola, família e psicopedagogo clínico trabalhando juntos irão fortalecer as conquistas do paciente e ampliar suas capacidades para novas aprendizagens.

A INTERFERÊNCIA DO PSICOPEDAGOGO CLÍNICO SOBRE A INCLUSÃO X EXCLUSÃO

Ao falarmos de inclusão abordamos diferentes tipos de pessoas com diferentes limitações e capacidades. São seres humanos únicos, que independente da deficiência ou dificuldade deve ser visto com sua singularidade e é esse o papel do psicopedagogo clínico. Seu trabalho diretamente com o paciente, de forma individualizada, tendo uma postura acolhedora e um olhar investigativo e constante para esclarecer o que está impedindo que a aprendizagem de fato aconteça, possibilitando o diagnóstico e investigando as formas mais eficazes de trabalhar para ir minimizando até sanar as dificuldade de aprendizagens. Para Chamat (2008, p. 46), "as atividades devem ser cuidadosamente planejadas". Ou seja, com o diagnóstico pronto, a partir dele o psicopedagogo preparará atividades de forma a desenvolver as habilidades do paciente, respeitando o momento em que esse se encontra e auxiliando para que haja avanços na educação e interferindo, se necessário, nos problemas de ordem social que o incapacite na aprendizagem.

Em um estudo realizado por Carvalho Salvari, de Souza Brito Dias (2006, p. 257) para investigar as causas das dificuldades de aprendizagens de um paciente na clínica foram utilizados os seguintes recursos:

"Uma análise das condições cognitivas, pedagógicas e psicodinâmicas da criança para com a aprendizagem. Além disso, citaram a importância de, eventualmente, investigar aspectos orgânicos, como as condições auditivas e visuais da criança. Algumas, como a quarta e a quinta entrevistadas, destacaram, igualmente, a investigação da dinâmica da criança na escola, particularmente sua relação com os professores, como parte do processo diagnóstico. Dentre os recursos técnicos para a investigação dos problemas de aprendizagem, as entrevistadas afirmaram utilizar, em geral, atividades lúdicas e peda-

gógicas, além de testes e exames cognitivos e projetivos, se necessários."

Nessa pesquisa ainda é citada o acompanhamento feito à família do paciente, na ausência da criança, pois em inúmeras vezes a família tem dificuldade de aceitar que a criança tenha dificuldades, mesmo a escola apontando e de procurar tratamento, o que gera ainda mais pressão e ansiedade sobre o aprendiz. Assim podemos destacar o quão amplo e delicado é o trabalho do psicopedagogo clínico, que deve atender o paciente e família de forma acolhedora, passando confiança e compreensão, investigando com cautela e estimulando a fim de encontrar meios para que haja aprendizagens significativas e eficazes.

Caso haja necessidade, o psicopedagogo poderá solicitar um acompanhamento psicológico para a família, para que a mesma possa aceitar melhor a condição do paciente e até mesmo para o paciente, caso seu emocional e psicológico tenha sido afetado de tal maneira que o trabalho do psicopedagogo não seja o suficiente para sanar as dificuldades e erguer a autoestima do aprendiz, pois questões emocionais e de aceitação podem dificultar o desenvolvimento do educando. O psicopedagogo atua como um terapeuta educacional que vai trabalhar com as causas, mas em alguns casos necessitará de um trabalho conjunto com outros profissionais, podendo ser além do psicólogo um fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, entre outros profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação é um instrumento para AprenA inclusão em sala de aula é uma realidade desafiadora, pois como vimos nesse artigo todas as pessoas são diferentes e quando falamos de inclusão não estamos limitando aos deficientes físicos e ou intelectuais e sim a todos, que todos possam ser participantes ativos nas unidades de ensino, que possam ser vistos de forma singular, que tenham suas capacidades e talentos reconhecidos, suas limitações respeitadas, possibilidades e recursos para superar seus desafios e que se sintam acolhidos, motivados e capazes dentro da instituição de ensino. Reconhecemos que para o educador lidar com as diferenças, tendo um número alto de alunos em sala de aula e um currículo linear não tem sido uma tarefa fácil, mas que o professor não precisa carregar toda essa responsabilidade sozinho, pois se a dificuldade é perceptível e tem atrapalhado o educando é necessário notificar a família para que a mesma possa procurar um auxílio extra curricular a fim de investigar, tratar as causas da dificuldades e os possíveis traumas que essa dificuldade causou ao aluno.

Dentro dessa perspectiva pudemos expor um pouco sobre o trabalho e contribuições dos psicopedagogos clínicos para auxiliar nesse processo, pois o trabalho feito dentro da clínica irá refletir em toda a vida do educando através da parceria e comprometimento firmado entre família, escola, psicopedagogo e demais profissionais que possam acompanham a criança. O trabalho do psicopedagogo clínico passa por algumas etapas, como anamnese com a família, acolhida do paciente, diagnóstico, intervenções que tem como intuito encontrar o caminho mais eficaz para descobrir as possíveis causas que impedem a aquisição das aprendizagens, para que sejam tratadas, auxiliando no seu desenvolvimento de forma progressiva, assim também devolvendo a auto estima do paciente. Em alguns casos o trabalho do psicopedagogo não será o suficiente, assim o mesmo poderá indicar avaliação e acompanhamento junto com outros profissionais em paralelo com seu atendimento, nesses casos reforçamos a importância de uma interação harmônica que irá colaborar para os avanços do aprendiz. Cada profissional deve trabalhar com ética, respeitando e contribuindo para o trabalho do outro, se necessário conversando entre si ou através de relatórios, para saberem dos avanços obtidos pelo paciente e dos desafios que têm a superar, para assim traçar objetivos harmoniosos, a fim de prosseguirem com os avanços, conquistas e superação de seu paciente.

O psicopedagogo clínico com seu olhar atento e focado em cada caso, ao acolher, observar e escutar atentamente o paciente e seu histórico, pais e professores, poderá trabalhar de forma curativa, para tratar, amenizar, progredir com o intuito de sanar tais dificuldades de aprendizagem. Inteirando com o paciente, poderá utilizar de técnicas para obter a melhor maneira de descobrir e ou reconquistar o processo de aprendizagem desse indivíduo. Reforçamos que cada pessoa é um ser único que tem sua forma de ser, pensar e agir. Ao planejar e executar suas ações, o psicopedagogo clínico pode auxiliar na descoberta de uma forma mais eficaz e mais prazerosa para esse processo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

INCLUSÃO JÁ. Leis e documentos: Principais dispositivos, por ordem cronológica. Disponível em: https://inclusaoja.com.br/legislacao/#:~:text=1989%20%E2%80%93%20Lei%20n%C2%BA%207.853%2F89,seja%20ele%20p%C3%BAblico%20ou%20privado. Acessado em: 19 Jun 2022.

NAÇÕES UNIDADES. Declaração de Salamanca. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf . Acesso em: 15 Jun. 2022.